

ALÉM DA PAUTA POLITICO-SOCIAL: *YOUTUBERS* NEGRAS E A IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA DA BELEZA ESTÉTICA PARA A REPRESENTATIVIDADE RACIAL¹

Christiane CAMPOS (UFF)²
Wagner DORNELLES (UFF)³

Resumo: Muitas vezes considerada como uma forma de opressão de gênero ou como algo sem relevância acadêmica, a beleza estética é uma temática importante nas produções audiovisuais do YouTube, especialmente entre as influenciadoras negras. O tema é comum a praticamente todos os canais e a abordagem pode variar entre tutoriais de maquiagem e discussões baseadas na premissa “*Black is Beautiful*”, do movimento afro-americano da década de 1960. Este artigo pretende analisar dois desses canais no YouTube para exemplificar estas abordagens e sua importância para a discussão sobre representatividade de minorias na plataforma.

Palavras-chave: YouTube; Beleza; Mulher Negra.

Abstract/Resumen: Frequently considered as a form of gender oppression or as a subject with no academic relevance, aesthetic beauty is an important theme in YouTube's audiovisual productions, especially among black influencers. The theme is common to virtually every channel, and the approach may range from makeup tutorials to discussions based on the "Black is Beautiful" premise of the African-American movement of the 1960s. This article aims to analyze two of these channels on YouTube to exemplify these approaches and their importance for the discussion on representativeness of minorities in the platform.

Keywords/Palabras clave: YouTube; Beauty; Black Woman

INTRODUÇÃO:

Certo dia, uma menina negra passeava com seu padrinho por Del Castilho, bairro do subúrbio do Rio de Janeiro. Na época ela tinha 5 anos. Com a ingenuidade típica da primeira infância, apontou para um anúncio de uma grande marca de produtos para cabelos e afirmou: “Padrinho, compra aquele *shampoo* pra mim?”. Obviamente, o padrinho quis saber o porquê do pedido inusitado. Ela respondeu prontamente: “Quero ficar com o cabelo igual ao da moça!”.

¹ Trabalho realizado com apoio financeiro da CAPES.

² Mestranda PPGCOM/ UFF, pesquisadora do TeleVisões/ UFF, do Nemacs/ UFF, consultora e produtora cultural. crcampos@id.uff.br

³ Mestrando do PPGCOM/UFF em Mídia, Cultura e Produção de Sentido na Universidade Federal Fluminense (UFF). wsdornelles@gmail.com

O anúncio estampava uma foto da atriz Grazi Massafera ostentando longas madeixas loiras. A menina, que até aquela idade mantinha os cabelos crespos naturais, inocentemente reproduzia o discurso que através dos tempos pautou-se na valorização da estética branca. Algo que já se expressava na literatura do Brasil colônia⁴ e foi perpetuado de diferentes formas no decorrer dos séculos.

Historicamente, negros e mestiços ocuparam majoritariamente as posições de subjugo na sociedade. Fato perceptível em diferentes esferas, que vão desde as instituições políticas representativas⁵ às produções da mídia hegemônica. Um exemplo clássico pode ser observado na TV aberta. No ar desde 1965, a Rede Globo de Televisão apresentou sua primeira protagonista negra apenas em 2003 - numa novela cujo título já representava o reforço de estereótipos históricos: “Da cor do pecado”.

As grandes indústrias do audiovisual, em especial o cinema e a televisão, por muitos anos, fizeram uso da estética e da prosódia negra em diferentes gêneros que vão desde a ridicularização até os estereótipos em torno da sexualidade dos corpos.⁶ Lábios carnudos, narizes largos, corpo volumosos sempre se anunciaram em relação à centralidade do discurso embranquecido.

Porém, movimentos de reconstrução da imagem negra se fortaleceu neste século. Novas vozes ressignificaram padrões e provocaram mudanças nas estruturas sociais. A voz e o discurso repleto de ideais políticos e críticas à exclusão fizeram parte do discurso de diversas intelectuais negras, a exemplo de Conceição Evaristo, Neusa Gusmão, Djamilia Ribeiro e Angela Davis. Há, entretanto, um outro movimento simultâneo e entrecruzado muito pautado na construção de uma memória negra no ambiente digital. Mesmo que este movimento não tenha o viés político-discursivo tão

⁴ Fato recuperável em diversos textos de Gregório de Matos ou na abordagem hostil apresentada no Século XIX em diversos livros de Raymundo Nina Rodrigues.

⁵ Na última eleição, ocorrida em 7 de outubro de 2018, por exemplo, mesmo com o avanço no percentual de negros nas bancadas da Câmara Federal, dos 513 deputados eleitos, 385 se autodeclararam brancos (75%); 104 se reconhecem como pardos (20,27%); 21 se declaram pretos (4,09%); 2 amarelos (0,389%); e 1 indígena (0,19%). Informação disponível em : <https://goo.gl/yt5hso> acessado em 29/11/2018.

⁶ Entre os séculos XIX e XX, *Minstrels* faziam o uso da estética negra para shows de humor. Eram pessoas brancas que agiam de maneira estereotipada pautando a construção da imagem negra pelos preconceitos da época. Era um movimento artístico que sob o argumento do humor, legitimava um discurso social de ataque à comunidade negra por meio da desqualificação e ridicularização. Grandes nomes do cinema como Laurel and Hardy (O Gordo e o Magro) já fizeram uso do blackface em seus filmes.

intenso quanto o apresentado pelas autoras citadas anteriormente, ele também se anuncia como um posicionamento legítimo ante ao discurso normatizado sobre a beleza da mulher negra. A comunicação em rede criou um cenário promissor para o questionamento do padrão de beleza e para que estéticas antes desqualificadas, ganhassem destaque. Este fato não passou despercebido pela indústria, que sob o selo de valorização da diferença vem promovendo a diversificação das etnias representadas em seus diferentes produtos midiáticos e campanhas publicitárias.

Para mais, este movimento orgânico e em grande parte autônomo ganhou forma. No YouTube, tutoriais de beleza negra conquistaram espaço e várias mulheres passaram a compartilhar dicas sobre a estética negra e valorização dos traços negróides. As produções se convertem em milhares de visualizações na plataforma e se anunciam como tópicos de discussão em que usuárias interagem por meio de uma estrutura de comunicação em rede (RECUERO, 2012).

Esta mobilização despreziosa refuta toda uma tradição de desqualificação da negritude que se transmuta desde os textos de Gregório de Matos (2012), no século XVII até boa parte da publicidade veiculada, ainda, nos dias de hoje. O presente artigo apresenta uma análise acerca do lugar ocupado pelos vídeos relacionados à estética negra. Como corpus deste artigo, utilizaremos os vídeos “Eu Sou Camila Nunes”⁷, protagonizado pela *youtuber* Camila Nunes e o vídeo “Estética é menos importante?”⁸, do canal DePretas, da influenciadora Gabi Oliveira.

A BELEZA É PARA TOD@S: PORQUE A BELEZA SE TORNOU TEMA INDISPENSÁVEL ENTRE AS *YOUTUBERS* NEGRAS?

Uma das principais bases da importância que a plataforma YouTube possui atualmente é a possibilidade de distribuição global de conteúdo de diferentes grupos culturais, sociais, étnicos e políticos limitados ou invisibilizados pelas mídias

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_ADhD3bv94, acessado em 01/11/2018.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VTpO76KzO08>, acessado em 01/11/2018.

hegemônicas. Não só atendendo às demandas internas desses grupos, mas também gerando discussões e pontos de vista diferentes para suas questões.

No caso das mulheres negras brasileiras, o YouTube favoreceu o fortalecimento de antigas tentativas de desconstrução de estereótipos reforçados por séculos, seja pelos argumentos que fundamentavam a escravidão ou pelos personagens midiáticos. Ocorre que este grupo encontra-se na base da pirâmide social e é simbolicamente menosprezado em termos estéticos em oposição à supervalorização da beleza eurocêntrica na nossa sociedade.

De maneiras distintas, quase todos os canais de mulheres negras no YouTube tem vídeos dedicados à questão estética como maquiagem e cuidados com os cabelos. (SOUZA, 2018). Muitos destes vídeos dedicam-se à ressignificação e à valorização do que é ser mulher negra e do que é a beleza negra. Ressalvamos que há, também, uma mudança no próprio conceito de beleza negra que sustentava-se em fenótipos muito próximos da beleza eurocêntrica hegemônica, valorizando traços menos negróides como os cabelos lisos, narizes e lábios finos, além dos tons de pele mais claras⁹ consoantes com todas as ultrapassadas teorias de democracia racial, miscigenação e clareamento da raça (SOUZA, 2017).

Neste ponto teórico encontramos a grande virada epistemológica, midiática e política que as *youtubers* negras representam. Além de usarem seu capital simbólico (BOURDIEU, 2006) para falarem de si mesmas enquanto sujeitos sociais, elas também utilizam-se de seu lugar de fala para enaltecer características físicas e estéticas da mulher negra que antes deveriam ser modificados, escondidos ou dissimulados.

Os lábios grossos, os cabelos crespos e a pele mais escura por muitas vezes foram representados na mídia hegemônica como motivo de vergonha e escárnio. Características físicas e naturais que precisavam passar por procedimentos de padronização e ajustes ao não-negro. Neste processo, ainda hoje, é fácil encontrar nas mídias hegemônicas analogias que relacionam direta e indiretamente à mulher negra, adjetivos negativos e depreciativos. Recentemente, no reality show “A Fazenda”, o ex-jogador negro Aloísio Chulapa afirmou em uma conversa que “encontrar uma preta

⁹ Definido como colorismo, este tipo de discriminação “ênfatizava os traços físicos do indivíduo, questões determinantes para revelar o valor que a ele seria dado em sociedade.” (SILVA, 2016, p. 12)

bonita no Brasil e no mundo é difícil.” Na ocasião, o mesmo foi repreendido pela participante Luane Dias, também negra, que o chamou de preconceituoso.¹⁰

Mas o que podemos esperar da mídia hegemônica de um país – onde o racismo é crime previsto em lei desde 1989¹¹ – e sua principal emissora de TV aberta veiculou durante anos, do século XXI, em horário nobre e aos sábados, o *blackface*¹² do ator Rodrigo Sant’anna: a personagem Adelaide?¹³ Apesar do ator ser negro de pele clara, ele usa de artifícios como próteses, perucas e maquiagens para intensificar comicamente os traços negróides e, além disso, reforçar, também preconceitos relacionados à classe social, já que a personagem é uma pedinte que tem como jargão a frase “sou a cara da riqueza”.



Fonte: Jornal Extra

¹⁰ Fonte: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/a-fazenda/2018/10/a-fazenda-10-encontrar-uma-preta-bonita-no-brasil-e-dificil-diz-chulapa>, acessado em 18/11/2018.

¹¹ Lei Federal nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7716.htm acessado em 18/11/2018.

¹² O *blackface* começou no século XIX, nos Estados Unidos, quando atores brancos representavam pessoas negras pintando seus rostos, redesenhando os lábios e narizes para reforçar os fenótipos negros. A prática era tão estabelecida que tornou-se, então, um gênero teatral. Atualmente também é caracterizado pelo uso de perucas crespas em determinadas representações, numa alternativa racista para interpretar uma personagem negra sem precisar contratar e dar visibilidade a alguém realmente negro. No Brasil, uma das personagens mais simbólicas deste tipo de racismo é a chamada "Nega Maluca" - uma representação de negros feita por não-negros, que caracteriza e reforça estereótipos racistas atribuídas à população negra. Para mais informações ver “Black Like You: Blackface, Whiteface, Insult & Imitation in American Popular Culture”, de John Strausbaugh. Nova Iorque. Jeremy P. Tarcher/ Penguin Group: 2006. Acessado em 18/11/2018.

¹³Fonte: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/rodrigo-santanna-apresenta-musa-inspiradora-da-pedinte-adelaide-do-zorra-afirma-sou-cara-da-pobreza-6533267.html>, acessado em 19/11/2018.

Em contrapartida, a iniciativa destas *youtubers* influencia sua audiência decisivamente na dissipação do auto-ódio¹⁴ e no fomento da autoestima¹⁵, como podemos observar nos comentários de algumas das seguidoras nos vídeos que serão analisados na sequência.



Thais Ferreira Thatha 11 meses atrás

Nega chorei junto com você.....

Eu só usava batom marrom aí vc chegou eu me libertei achava que o pink não era pra mim...mas hoje vejo que posso simmmm...Te Amo Nega



Odara Diesse 11 meses atrás

Negra pode usar batom vermelho, usar cabelo relaxando, liso, black, loiro ruivo. O que nós não podemos e deixar de viver com medo da opinião dos outros. Se ser feliz e coisa de preto... Me acho a mais pretinha desse mundo 😊😊😊

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=T_ADhD3bv94, acessado em 01/11/2018.



Chaiane Fagundes 1 ano atrás

Um tema muito importante, referências muito boas, queria ter tido essas referências na minha adolescência, talvez assim, eu teria me aceitado mais. Eu nunca usava o cabelo solto, pq ele era muito cheio, quando usava solto era só pra deixa-lo secar e quando secava, logo prendia, pq parecia um leão. Hoje reconheço que quando mais cheio mais lindo é, hoje eu reconheço que nosso tom de pele é tão lindo é especial, nosso sorriso é o mais lindo de todos ♡♡. Hoje eu me amo, amo meus cachos, amo minha raça!



Maysa Gonzaga Ferreira 1 ano atrás

Garouta, você arrasa. Por causa dos seus conteúdos e de outras youtubers negras eu comecei a perceber o quanto eu já me escondi morrendo de vergonha de mim e do meu cabelo sob o discurso de "não ligo pra aparência porque isso é coisa fútil". Eu não sabia que na real, eu gosto de me sentir bonita mas não via isso como algo que serve pra mim, saca? Você faz toda a diferença!

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VTpO76KzO08>, acessado em 01/11/2018.

Desta forma a ressignificação da beleza, baseada na valorização dos traços negróides - diferentemente das abordagens do movimento feminista liberal, “tradicional” e branco – e as questões estéticas assumem importância nuclear nas reflexões sobre empoderamento da mulher negra. Ou, como define Joice Berth (2018),

“a condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente sobre seu entendimento sobre sua condição

¹⁴ Conceito do campo da psicologia, é uma tendência a menosprezar o próprio *self* real, em comparação ao *self* idealizado, que leva o indivíduo ao ódio e menosprezo a si mesmo. Ver Teorias da personalidade, 8.ed., AMG Editora. Porto Alegre – RS. 2015 Jess Feist, Gregory J. Feist, Tomi-Ann Roberts. (p. 120 a 122).

¹⁵ Conceito, também, do campo da psicologia, refere-se à autoconfiança e ao autorrespeito, passando pelos sentimentos de competência pessoal e de valor pessoal. Ver Dicionário de Psicologia, Roland Doron, Françoise Parot, Climepsi Editores, Forte da Casa . Portugal .1ª Edição - 2001

social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a auto aceitação de suas características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade.” (p. 14)

Não ignoramos aqui, autoras como Simone de Beauvoir ou Naomi Wolf que argumentam como os padrões de beleza são formas de opressão e hierarquização das mulheres não negras nas sociedades ocidentais. Contudo, o padrão de beleza é um ponto de distanciamento bastante importante quando tratamos do feminismo negro e enquanto a mulher negra é estereotipada como desprovida de beleza e desvalorizada quando comparada às mulheres de outras etnias.

ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DOS VÍDEOS

Para exemplificar as formas como este tema é tratado na plataforma YouTube, utilizaremos os vídeos “Eu Sou Camila Nunes”¹⁶, protagonizado pela *youtuber* Camila Nunes e o vídeo “Estética é menos importante?”¹⁷, do canal DePretas, da influenciadora Gabi Oliveira.

O primeiro vídeo, com aproximadamente 8 minutos, é parte da campanha #YouTubeBlackBrasil (2017), em celebração ao Dia Nacional da Consciência Negra, na qual o YouTube entrevistou 10 influenciadores negros sobre suas histórias e motivações. O vídeo que estamos analisando é a entrevista da *youtuber* Camila Nunes: mulher negra, maquiadora profissional e moradora de São Gonçalo, na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Em seu canal, com aproximadamente 404.000 inscritos, a *influencer* dá dicas de beleza e maquiagem para a pele negra em seu canal homônimo.¹⁸ Diferente da maior parte das influenciadoras negras que usam e dão

¹⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_ADhD3bv94, acessado em 01/11/2018.

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VTpO76KzO08>, acessado em 01/11/2018.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/camilanunesmakeup>, acessado em 01/11/2018.

dicas para cabelos afros, crespos ou cacheados, a Camila usa e dá dicas para cabelos alisados.

No vídeo “Eu Sou Camila Nunes”, ela fala do início despretenso do canal, em 2012, de sua escolha profissional e da sua mãe: cabelereira que a inspira profissionalmente. Também conta sobre seu reconhecimento enquanto negra, e chora quando relembra suas experiências com o racismo, na pré-adolescência. Quando perguntada se o tema é assunto em seu canal, ela responde:

“- No meu canal não falo. É muito difícil falar.

- Por quê?

- Às vezes eu fico pensando, sabe? Se vale a pena falar e...enfim.

- Mas, por que não valeria a pena?

- Vale a pena para ser exemplo, né? Porque muitas meninas podem se identificar também, da mesma forma que se identificam com a maquiagem.”¹⁹

Na sua entrevista Camilla deixa claro que o racismo sofrido na sua adolescência ainda é um tema difícil de ser discutido com suas seguidoras. Mas ela que acredita que, ainda que sob a sombra do seu silêncio, suas dicas de beleza também são formas de valorização racial e empoderamento da audiência. A maquiadora é habitualmente questionada sobre um posicionamento mais militante com relação a questões raciais em outros vídeos e redes sociais digitais e sua resposta reafirma o argumento de Joice Berth, de que a beleza é uma das nuances do empoderamento “no âmbito individual” (p.130, 2018). Contudo, só é possível entender a importância que destacamos aqui, quando este conceito de beleza negra é apreendido pela sua audiência e se torna parte de um empoderamento coletivo – que parece não ser compreendido pelos seus questionadores.

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/camilanunesmakeup>, acessado em 01/11/2018.



Ingrid Quintanilha 11 meses atrás (editado)

Ca, eu acho que você já quebra muitas barreiras falando sobre racismo do seu jeito. As pessoas acham que só falando diretamente sobre o assunto que a gente tá sendo "empoderado", mas falar de beleza TAMBÉM É UMA FORMA DE RESISTÊNCIA! Já que as características negras são sempre inferiorizadas. Então muito obrigado pelo seu trabalho, pq MILHARES DE MULHERES NEGRAS SE EMPONDERAM E SE AMAM VENDENDO SEUS VÍDEOS, desconstroem suas convicções e passam a se amar mais! A vida toda nós escutamos: "se embranqueça, pq ter características negra é feio" aí vc chega e fala: "Se enegreça, pq nós somos lindas."

Parabéns pelo seu trabalho ❤️



Patrícia Avelino - Beleza Negra 11 meses atrás

Camila obrigada por representar as blogueiras de beleza no YouTube Black! Não falar sobre racismo no nosso canal não nos faz menos negras e nem que fingimos que não exista! Falamos sobre a nossa estética que é super importante pro empoderamento da mulher negra! Muitos cobram que devemos ocupar mas quando ocupamos um nicho que dominado pelas blogueiras brancas somos taxadas de omissas! Eu também já fui criticada por não falar de racismo no meu canal, mas eu sei que meu trabalho é tão importante quanto os canais que abordam esse assunto!

Chorei muuuuuuuuuuu! Bjs!

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=T_ADhD3bv94

Este mesmo desconhecimento questionador foi o *leitmotiv* do vídeo da comunicadora social Gabi Oliveira, intitulado “Estética é menos importante?”²⁰, de cerca de 6 minutos. O vídeo, resultado da campanha #JuntasArrasamos, é uma parceria com a empresa Seda Cosméticos – Unilever. No entanto, neste caso, o fato do canal Papo De Pretas, tratar, também, de outros assuntos como atualidades e questões raciais, esta indagação refere-se, justamente, à inclusão da beleza entre aqueles temas consideramos “mais importantes” por uma parte da sua audiência.

A *youtuber* concorda que, eventualmente, a beleza pode ser considerada superficial e menos importante em uma sociedade como a nossa, na qual o consumo é superestimado. Acrescentamos que, frequentemente, o próprio empoderamento estético é apreendido pelo capitalismo. Não podemos ignorar, também, que a indústria da beleza é a principal patrocinadora das *youtubers* negras em geral. Afinal, negras empoderadas também são consumidoras - talvez mais exigentes, mas ainda assim, consumidoras.



Josemara Souza Silva 1 ano atrás

Então, eu não gostava, mais hoje em dia amo cabelo maquiagem porque antes não tinha muito produto voltado pra beleza da mulher negra



Raisia Melo 1 ano atrás

Poxa mas eu achei incrível o fato de vc falar de estética justamente por conta das mulheres negras serem totalmente esquecidas pelas marcas de belezas. Seu trabalho é super importante para elevar a auto estima das meninas negras e pra tb fazer com que elas exijam mais dessas marcas.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VTpO76KzO08>, acessado em 01/11/2018.

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VTpO76KzO08>, acessado em 01/11/2018.

Entretanto, a influenciadora argumenta, também, que as discussões sobre estética tem contribuído para a construção da auto estima de mulheres negras. Ao contrário do imaginário popular que as relacionam “ a coisas ruins: cabelo duro, mulher feia(...)”. Por muitos anos a estética negra foi desvalorizada, marginalizada e hoje a gente está num processo de quebra de padrões”, afirma Gabi Oliveira.

Este imaginário negativo nada mais é do que a persistência do estereótipos (HALL, 2016) que fundamentaram o sistema de escravidão no Brasil (SOUZA , 2017), de tal forma que é necessário

“um trabalho contínuo para erradicar do lugar naturalizado na sociedade a crença de que pessoas negras são inadequadas, desprovidas de harmonia e beleza física (...)Principamente quando consideramos que nas culturas ocidentais, o belo/bonito é sinônimo de superioridade, ou seja, ultrapassa o campo da estética, uma vez que o senso comum aponta que tudo que é bonito só pode ser bom.” (BERTH, 2018, p.99)

Assim, a ressignificação do corpo negro torna essencial a discussão em torno da beleza especialmente quando as próprias mulheres negras – como a Camilla Nunes e a Gabi Oliveira - passam a definir a si próprias e a sua própria beleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo negro é político e as questões sociais e econômicas que o contornam em nossa cultura são difíceis de ser dissimuladas ou ignoradas. Os estereótipos e preconceitos relacionados ao nosso grupo étnico estão sempre emergindo - seja nas interações sociais ou nas características psicológicas do indivíduo. Mas não é possível construir uma sociedade que respeite a multiplicidade das identidades sem passar pela reconstrução da autoestima individual e coletiva que vem sendo atingida há séculos pela combinação perversa entre o racismo e o machismo do nosso processo histórico.

Apesar de estarmos em um processo de quebra de padrões e empoderamento mediado por práticas capitalistas, as diferentes formas de lidar com o conceito de beleza das *youtubers* citadas neste artigo são igualmente importantes e complementares. Mesmo que uma análise superficial possa classificá-las como opostas ou valorizá-las de formas bem desiguais. Mesmo que de forma indireta, essas criadoras de conteúdo

questionam todo um sistema de opressão que atua desde a infância e segue ainda na idade adulta. Reconhecer a beleza negra é assegurar a autoestima desta e das próximas gerações.

BIBLIOGRAFIA

BEARD, Mary. **Mulheres e Poder: Um Manifesto**. São Paulo: Crítica, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas De Gênero: Feminismo E Subversão Da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC Rio: Apicuri, 2016.

_____. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Que “negro” é esse na cultura negra?** *In*: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG: Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

MATOS, Gregório de. **Poemas satíricos**. Edição. [S.L.]: Martin Claret, 2012.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. 1ªed. Porto Alegre: Meridional LTDA, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Tainan. **O colorismo e suas bases históricas discriminatórias**. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/viewFile/4760/3121>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

SOUZA, Dayanne. (a) **Que voz é essa? Identidade e narrativa da mulher negra no YouTube**. *In*: Estudando Cultura e Comunicação com Mídias Sociais. (Org.) SILVA, T., BUCKSTEGGE, J., ROGEDO. Brasília: IBPAD, 2018.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à lava jato**. São Paulo: Leya, 2017.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-Se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

WOLF, Naomi. **O Mito Da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.